

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 08

Data: 28.03.79

Pg.: _____

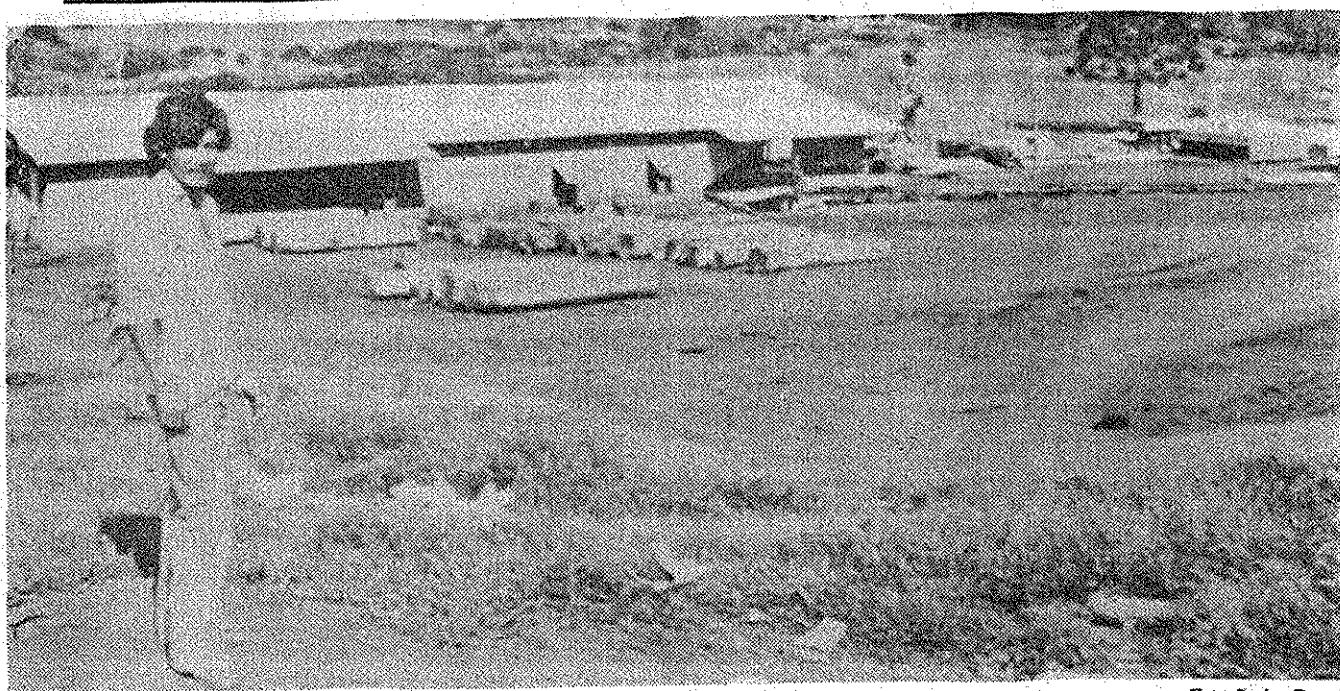


Foto Carlos Ruggi

Os kaingangs afirmam que a serraria não lhes paga a exploração da madeira

²⁸ Índios prometem luta em defesa de terra no Paraná

Da sucursal de
CURITIBA

Os índios de Mangueirinha, posto da Funai no Sudoeste do Paraná, ameaçam invadir uma área litigiosa de quase nove mil hectares dentro de suas reservas, caso a Justiça não resolva a questão destas terras dentro de 90 dias. Os arcos e flechas, utilizados no ano passado, durante a campanha de expulsão de colonos brancos da reserva do rio das Cobras, já estão sendo preparados, embora sem as setas envenenadas que a Funai confiscou.

Angelo Creta dos Santos e Souza, cacique dos kaingangs há nove anos e também vereador (pelo MDB) no município de Mangueirinha, está coordenando um movimento de protesto e encerrou, ontem, coleta de assinaturas em documento que uma comissão de seis índios entregará hoje à Câmara dos Deputados para ser oportunamente encaminhado ao presidente Figueiredo.

A área reclamada pelos índios Kaingangs e Guaranis, que integram uma comunidade de 974 pessoas, foi adquirida pela firma Slaviero, do grupo Fortes-Khoury. Nos seus 8.976 hectares existem 120 mil pinheiros e outras espécies de madeira de lei. Atualmente, segundo Angelo Creta, são manufaturados 1.250 dúzias de troncos por mês, sem que a reserva indígena receba os 45% da renda gerada pela comercialização garantidos em estatuto.

"Sabemos que estamos lidando contra o poderio — diz o documento que os deputados receberão hoje — ou seja, a miséria contra o dinheiro. Mas estamos entusiasmados pela defesa da nossa terra, encorajados porque somos brasileiros natos."

Angelo Creta, que promete não mais atender às ordens da Funai de retirada em caso de invasão, como prometeu os in-

dios Kaingangs e Guaranis, a exemplo do que aconteceu no rio das Cobras, já mandou um aviso: "lutaremos com flechas e arcos nas mãos, mas com garrucha escondida embaixo da camisa".

O líder dos índios de Mangueirinha, que denuncia a miséria de sua gente, proibida de utilizar qualquer madeira para construção de casas ou benfeitorias ("a maioria do nosso pessoal não tem casa e vemos a madeira saindo daqui para o Exterior") explica que a luta pela posse da terra não implicará na devastação da área: "Não queremos dinheiro e nem devastar nossas reservas florestais, como a Funai fez em Palmas, Xanxerê e outros postos indígenas. Queremos apenas recursos para viver sem miséria". E estes recursos, como Creta explicou, provirão apenas da venda de pinhão e da lavoura.

Em três anos, as serrarias do Departamento do Patrimônio Indígena — DGPI — cortaram três mil pinheiros da reserva, que recebeu apenas Cr\$ 400 mil, no ano passado, para um projeto de roças comunitárias. Ao fornecer este dado, Angelo Creta revelou, também, que o temor geral é que a Funai venha autorizar o corte de madeira de lei, calculada em 30 mil árvores. As serrarias não pertencem mais ao DGPI, mas formalmente os projetos ainda não passaram para o Departamento Geral de Operações. Recentemente, a Delegacia Regional da Funai determinou a paralisação das serrarias em Palmas, pois já estavam cortando pinheiros com diâmetro inferior ao permitido pelo IBDF.

O problema das serrarias será relatado pela comissão de índios por ocasião de seu encontro com os deputados, hoje, em Brasília, mas a condição geral da comunidade indígena será, ao lado da questão da reserva, outro assunto ao qual Creta atribui muita importância.